

Gabriella Oliveira de Araujo

Graduada de Pedagogia pela
Universidade de Gurupi/TO – UNIRG

Dálcio Rosário Alves

Mestre em Educação - Políticas Públicas e Gestão Educacional PPGE – UNB

Técnico Pedagógico da Gerência da Educação Profissional – SEDUC- TO

Especialista Inspeção Escolar – FERLAGOS

Especialista em Orientação Educacional – FAFIMA – MG

Especialista em Supervisão Escolar – FIJ

Especialista em Pedagogia Empresarial – FIJ

Membro do Grupo de Pesquisa em Materialismo Histórico-dialético - Consciência

Membro do Programa de Extensão da UnB Pós-Populares

RESUMO

A presente pesquisa intitulada: A contribuição do conhecimento didático crítico frente às dificuldades de aprendizagem no ciclo da alfabetização de cunho bibliográfico, tem como objetivo contribuir com a minimização de dúvidas sobre a prática pedagógica mais eficaz das dificuldades da alfabetização com foco de abordagem voltado para crianças que apresentem Dificuldade de Aprendizagem (DA), ressaltando a relevância da contribuição do conhecimento didático crítico neste processo. Assim, o embasamento teórico respaldou-se em autores que abordam estas temáticas, como: Gomes e Sena, Smith e Strick, Loureiro, Veiga, Faria, Freire e Pimenta. Desta forma este artigo buscou, de forma sucinta, esclarecer a necessidade da adoção de uma didática permeada pela criticidade em sala para que haja uma aprendizagem contextualizada, igualitária e significativa para todos os alunos, dando oportunidades reais para aquelas crianças que se encontrem em dificuldade de aprendizagem.

Palavras-Chave: crítico; didática; dificuldade de aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Ao longo do processo da criação e encerramento desta pesquisa, foi abordado temas pouco correlacionados quando pesquisados, fazendo com que lacunas sejam criadas ao se discutir sobre o ciclo de alfabetização com uma abordagem da didática crítica focando em estudantes que apresentem dificuldades de aprendizagem, e a suas contribuições neste processo de suma relevância para o discente em todo o seu processo de aprendizagem. Pois quando se pensa mais profundamente sobre este assunto fica mais claro a sua grande importância no cotidiano do estudante,

devido ser este o seu primeiro contato com a sua autonomia em relação a sociedade.

Seguindo esta linha de pensamento busca-se desenvolver uma pesquisa com embasamento teórico, estruturado nas pesquisas de Gomes e Sena, Smith e Strick, Loureiro, Veiga, Faria e Freire e nos documentos oficiais do Sistema Educacional Brasileiro: Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/96, Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC), focando em como a didática crítica pode ajudar no desenvolvimento da alfabetização de crianças que apresentam algum tipo de dificuldade de aprendizagem.

Em vista disso essa pesquisa procura mostrar de forma clara a necessidade de se desenvolver práticas com a perspectiva crítica para que o estudante consiga trazer significado aos ensinamentos propostos em aula, porque a ação docente, embasada nesta concepção de educação, faz com que ele aprenda fazendo relação a sua realidade, vivências e conhecimentos adquiridos antes de adentrar a escola.

Assim buscou-se mostrar de forma concisa a necessidade de uma real transposição didática, trazendo uma nova visão para práticas tradicionais no ambiente educativo, e também à didática crítica, para se obter eficácia em relação ao aprendizado, correlacionando-as de forma contextualizada com o ciclo de alfabetização e as dificuldades de aprendizagem do sujeito aprendiz nesta etapa de formação.

A atual pesquisa ao perceber o olhar do docente ainda voltado em sua maioria para uma didática tradicional, e por sua vez utilizando de metodologias que não chama a atenção dos estudantes, por ser uma prática repetitiva e sem atrativos que motivem seus estudantes a aprender assim os desmotivando. Quando se menciona isso pode se levar a acreditar que se os alunos que não apresentam dificuldades não se sentem motivados os que apresentam alguma DA se sentem ainda menos. Portanto, acredita-se que essa pesquisa, possa contribuir com a ressignificação do olhar do educador em relação ao seu fazer docente, uma vez que a aprendizagem significativamente o estudante interdepende da sua visão educativa.

CICLO DA ALFABETIZAÇÃO

O ciclo de alfabetização está contemplado no 1º ao 3º anos do ensino fundamental, do qual entende-se que a criança deve, ao final, conseguir ler e escrever, ou seja, ter apropriação da lecto-escrita.

Então a criança deve se encontrar plenamente alfabetizada com seus 8 anos,. Então no 1º e 3º ano todas as ações e propostas pedagógicas devem ter um enfoque na alfabetização, para que ao final deste período a criança esteja plenamente alfabetizada, conseguindo atribuir significado ao que foi aprendido, afirma Gomes e Sena (2000, p. 23): “Aprender a ler e escrever, por exemplo, é muito mais de que adquirir habilidades básicas. É principalmente construir, obter e atribuir sentido e significado à aprendizagem.” Pois a alfabetização tem um grande papel na construção dos saberes dos

educandos, este é o marco inicial para a criança ingressar no “mundo da escrita e leitura”. Mas para que isso ocorra precisa-se de uma boa didática, de ainda mais cuidadosa aquisição destes conhecimentos para que a criança não se sinta pressionada nesta fase tão importante, um bom planejamento com a equipe pedagógica, dentre outros fatores que podem surgir ao longo do processo.

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Dificuldade de Aprendizagem (DA) é quando o indivíduo não consegue aprender efetivamente o que lhe é passado, este problema apresenta diversos fatores tais como: metodologia, concepção didática, meio social, hereditariedade, dentre outros fatores diversos, assim também traz Smith e Strick (2001, p.15):

Raramente elas podem ser atribuídas a uma única causa: muitos aspectos diferentes podem prejudicar o funcionamento cerebral, e os problemas psicológicos dessas crianças frequentemente são complicados, até certo ponto, por seus ambientes domésticos e escolar, além de por fatores como temperamento e estilo de aprendizagem.

Dessa forma como é mostrado existem inúmeros fatores que podem causar algum tipo de DA.

Transtornos de aprendizagem e dificuldade de aprendizagem possuem inúmeras características e peculiaridades, e apresentando diferentes graus de agravamento, para Rotta e col. (2016) transtorno é:

Os transtornos da aprendizagem compreendem uma inabilidade específica, como de leitura, escrita ou matemática, em indivíduos que apresentam resultados significativamente abaixo do esperado para seu nível de desenvolvimento, escolaridade e capacidade intelectual.

Então como Rotta e col. (2016) afirma a criança que tem algum dos diversos transtornos que existem, pois são inúmeros, apresenta uma capacidade intelectual diferente das que não apresentam nenhum tipo de transtorno, e este por sua vez não tem cura apenas tratamento que irão auxiliar o aluno ao longo do seu processo de aprendizagem.

As informações são processadas de forma diferentes no cérebro, fazendo sua aquisição de conhecimento relativamente lenta em comparação com uma pessoa que não possuem tal dificuldade.

As crianças com DA apresentam algumas peculiaridades tais como: não aprender normalmente, não tem deficiências sensoriais (auditivas ou visuais), não apresentam qualquer tipo de deficiência mental, sem distúrbios

graves, não surgiu de um contexto de privação tanto ambiental como sócio-cultural ou da falta de continuidade de assistência escolar ou mudanças frequentes de escola, mas essas circunstâncias podem favorecer o desencadeamento ou até mesmo agravar um problema na área de dificuldade de aprendizagem, mas também podem estar relacionadas a problemas neurológicos, pois cada indivíduo é único.

Então como o surgimento das DAs que possuem inúmeras causas o processo para desenvolver o aprendizado deve ser diferente para cada tipo de dificuldade encontrada ou seja, é preciso metodologias específicas.

DIDÁTICA TRADICIONAL

A didática tradicional tem um enfoque voltado apenas para a memorização, ou seja, em fazer os alunos decorarem o que é repassado por seus professores. Estas crianças, em sua maioria, não tem um desenvolvimento crítico trabalhado, pois neste tipo de ensino o aluno não tem espaços para manifestar suas opiniões e assim seu conhecimento não é construído de forma significativa e sim como meio de obter notas altas, pois este método não tem um enfoque no aprendizado, mas em notas.

Dessa forma os estudantes são padronizados em uma só linha de pensamento, sendo este o que a escola definir como correto, sem abertura às opiniões diversas, então nos traz um currículo engessado e inflexível.

Este tipo de didática apresenta características que atualmente não são bem vindas para o ensino, pois o professor é considerado o detentor do saber, é autoritário e seus alunos são concebidos como seres passivos, apenas observadores do processo de ensino, a avaliação é apenas classificatória, com pontuação em provas, a relação professor-aluno é nula, pois aqui o professor é conteudista e não dá espaço para o aluno argumentar sobre o que lhes é transmitido, o contexto social que é apresentado nesse ensino trás exemplos muito distante das realidades de muitos alunos, desvalorizando assim os conhecimentos prévios destas crianças, visto que suas realidades não são relevantes para o ensino, e dessa forma o ensino se torna desconectado e sem sentido para o aluno. Loureiro (2005, p.55) enfatiza:

A aprendizagem, desconectada da realidade dos educandos, trabalha apenas com o cérebro. Não abrange os sentimentos ou os significados pessoais, os interesses, gostose experiências de vida. Não tem nenhuma relevância para a pessoa como um todo.

Então pode-se observar claramente que não irá acontecer um estudo significativo visto que este não irá ter relevância para o aluno como sujeito histórico. Mesmo sendo uma das formas de ensino mais utilizadas historicamente no decorrer do desenvolvimento do ensino no Brasil, este tipo de ensino ainda tem muitas questões das quais nos fazem desacreditar desta concepção, uma delas é a comunicação do professor com o aluno, uma vez que aqui não tem oportunidades para o estudante falar o que pensa e assim

não ter espaço para fazer questionamentos que sanem suas dúvidas em relação aos objetos de conhecimentos, assim também afirma Libâneo (2013):

Atividade de ensinar é vista, comumente, como transmissão da matéria aos alunos, realização de exercícios repetitivos, memorização de definições e fórmulas. O professor “passar” a matéria, os alunos escutam, respondem o “interrogatório” do professor para reproduzir o que está no livro didático, praticam o que foi transmitido em exercícios de classe ou tarefas de casa e decoram tudo para a prova. Este é o tipo de ensino existente na maioria de nossas escolas, uma forma peculiar e empobrecida do que se costuma chamar de ensino tradicional.

O educador, centralizador do processo não mostra interesse na fala ou nos questionamentos que poderiam surgir em relação ao que este está sendo abordado, pois para ele o silêncio é prazeroso, é um sinal que os alunos o obedecem como sujeito detentor de todo o saber, desconsiderando o aprendiz como sujeito histórico ao qual ele está meramente repassando conteúdos, dado que cada criança chega a escola com um conhecimento adquirido de suas experiências, então porque não utilizar isso para fazer atividades pedagógicas que se torne interessantes e façam surgir curiosidade em ambas as partes, pois todos estarão vivenciando atividades novas, mas esta didática se torna ainda mais duvidosa ao não pensar nos seus alunos e sim em estabelecer uma relação vertical e hierárquica, baseada em dados classificatórios, desfocando seu objetivo para a nota em detrimento da aprendizagem, sem de fato se importar se houve ou não aprendizado significativo, ou seja, a ênfase desta concepção de ensino está relacionada à memorização e não à aprendizagem.

Traz-se uma citação de Loureiro (2005), para fechar a ideia desta concepção: “O processo de aprendizagem se resume em dar aos educandos conteúdo para ser memorizados, é o ensino tradicional.” Então fica claro que a metodologia empregada nessa didática não se apoia em aprendizado mas em memorização.

DIDÁTICA CRÍTICA

A didática crítica é atualmente a mais indicada para se ter um ensino significativo, pois neste tipo de ensino o foco é o aluno e sua construção do saber, esta didática traz uma abordagem no desenvolver do pensamento crítico do aluno fazendo com que este busque pesquisar e correlacionar o conhecimento científico com suas vivências pessoais. Para tanto, o educador lança mão de metodologias diversificadas a partir do diagnóstico da realidade e estabelece uma relação dialógica com o educando. Veiga (2004, p. 75) diz que:

A didática crítica busca superar o intelectualismo formal do enfoque tradicional evitar os efeitos do espontaneísmo escolanovista, combater a orientação desmobilizadora do tecnicismo e recuperar as tarefas especificamente pedagógicas, desprestigiadas a partir do discurso reprodutivista.

Ao trazer esta fala fica ainda mais evidente o quanto este ensino tenta buscar ao máximo atividades pedagógicas que fortaleça o conhecimento significativo das crianças, portanto ao explanarmos sobre esta concepção didática estamos citando um ensino lógico-histórico, que se faz por meio de pesquisas.

Aqui o professor é articulador e neste caso mediador do saber, o aluno é valorizado como sujeito histórico, então seu conhecimento empírico é considerado um fator importante na hora de desenvolver metodologias para aprendizagem, e assim seus conhecimentos tem base em pesquisas e diálogos, seus conteúdos são baseados na -LDB 9.3.94/96, nas DCNs, e na BNCC, para se ter um ensino de qualidade e linkado com a concepção de educação adotada pelo Sistema Educacional Brasileiro. Sua forma de avaliação não envolve apenas provas periódicas, mas uma avaliação contínua e processual.

A relação professor-aluno se respalda no respeito mútuo e se tem espaço para diálogos e questionamentos. Assim todo o ensino que envolve a didática crítica é significativo pois o conhecimento foi construído e não apenas memorizado.

A Eficácia da didática crítica, como qualquer outra área de pesquisa, trouxe dúvidas e resistências durante o seu processo de integração no ensino, mas com o passar do tempo desde sua implementação, pelo Sistema Educacional, em meados de 1985 e a sua contínua evolução, visto que está sempre em construção pois como as crianças evoluem, suas metodologias ao basear -se nas mudanças também evoluem para que cada período possa ser aproveitado plenamente por todos, independente da época, visto que o foco do ensino é a aprendizagem significativa, sendo que todos os sujeitos do processo educativo são importantes e históricos. Pois o ensino é uma ação conjunta entre professor estimulador e aluno, confirma Libânio (2013).

Compreende ações conjuntas do professor e dos alunos pelas quais estes são estimulados a assimilar, consciente e ativamente, os conteúdos e os métodos, de assimilá-los com suas forças intelectuais próprias, bem como aplicá-los, de forma independente e criativa, nas várias situações escolares e na vida prática.

O aluno é concebido como um sujeito ativo que traz para a sala de aula, aqui entendida como expressão nuclear do processo educativo, novas experiências, portanto esta forma de ensino preza a contínua evolução de seus métodos, de forma que possa trazer sempre propostas pedagógicas que

eliminam as lacunas do ensino. Por essa razão se empenha ao máximo em relacionar a parte teórica com a prática, gerando uma práxis efetiva, porque nós aprendemos fazendo posto que assim interiorizamos o que estamos fazendo, então ao se reconstruir continuamente e nos mostrar um currículo flexível percebemos que há uma grande preocupação na aprendizagem significativa, por estas razões e outras citadas acima, entende-se que esta concepção didática, por ter em mente objetivos e bases sólidas para se chegar a uma finalidade, que no caso do ensino significativo, mostra sua eficácia, pois a “arma” do professor para conseguir superar os diversos problemas na educação é o conhecimento didático e se esta for a que busca construir o conhecimento junto com o sujeito aprendiz irá ser, ainda, mais proveitoso, assim afirma Faria (2011):

Partimos do entendimento segundo o qual a didática crítica, a partir de suas bases ontológicas e gnosiológicas, nos oferece as possibilidades e os instrumentos heurísticos mais eficazes para a compreensão da educação escolar, da aprendizagem, do ensino, da docência na contemporaneidade.

Ao evidenciarmos a fala de Faria (2011), fica mais explícito o quanto relevante é a didática crítica para o ensino significativo de cada educando, visto que esta se fundamenta em instrumentos mais eficazes para uma aprendizagem concreta.

A AÇÃO DOCENTE ESTRUTURADA PELO CONHECIMENTO DIDÁTICO CRÍTICO E SUA REAL CONTRIBUIÇÃO PARA A SUPERAÇÃO DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO CICLO DA ALFABETIZAÇÃO.

Durante muito tempo tenta-se encontrar uma concepção didática que faça com que os alunos tenham uma aprendizagem significativa, de real valor e que impacte no seu processo como indivíduo pertencente a uma sociedade e que consiga colocar em prática o que foi aprendido na escola ao longo do seu processo de aquisição de conhecimento.

Então depois de diversas pesquisas relacionadas a esta área ficou cada vez mais evidente a eficácia da didática crítica no ensino, para reforçar ainda mais a sua importância Freire (1996) afirma: “uma prática docente desprovida de criticidade e da rigorosidade metódica que deve caracterizar a construção do conhecimento produz um saber ingênuo”.

Assim quando um professor está baseando a sua ação docente na perspectiva da didática crítica, a sua práxis privilegiará metodologias diversificadas e contextualizadas à realidade do educando, mas fica uma dúvida: será que esta concepção didática também é indicada para crianças que apresentem alguma DA? atestamos que sim, porque uma criança que apresenta alguma dificuldade tem mais facilidade em aprender com metodologias que correlacionem o saber ao seu cotidiano, porque o que a crianças sentirem dúvidas em relação a parte teórica, além de poder

questionar seu professor, ela irá conseguir vivenciar e assim compreender de forma concreta, e além do mais uma criança que apresenta alguma dificuldade, ao aliar esta metodologia com a assistência pedagógica, terá maior chance de aprender significativamente, pois o ensino que consegue formar cidadãos capazes de construir opiniões críticas é um estudo significativo, assim também afirma Marin e Pimenta (2015):

Abre-se caminho para compreender que o ensino de qualidade será aquele que resulte em qualidade formativa; portanto que ensinar é organizar intencionalmente as condições para sua realização de modo que desenvolva o exercício da crítica para a transformação das condições sociais vigentes, com vistas a superar as desigualdades e gerar a emancipação social e humana.

Dessa forma o ensino que coloque seus educando para pensarem e correlacionar com o seu cotidiano para que haja uma formação crítica é o ensino que fará maior diferença na hora da aquisição de conhecimento, então quando pensamos em um método tradicional, visto que esta irá apenas memorizar logos percebemos que não há uma grande formação crítica, fazendo que uma aula com essa didática não se torne atraente, e uma criança que apresenta alguma DA tem mais dificuldade de se concentrar quando algo não se mostra interessante. Mas isto, se buscarmos um aprofundamento teórico maior, vale para qualquer pessoa que está aprendendo, mas ao colocarmos o peso da dificuldade de aprendizagem se torna ainda mais complexo para a criança o processo de aquisição do conhecimento.

Por fim, após citar diversos motivos para a utilização da didática crítica na ação docente, este artigo mostra que um professor que estrutura seus ensinamentos na didática crítica pode conseguir resultados muito superiores a outras formas de didática tanto em crianças com DA como em crianças que não apresentem dificuldades, por estabelecer uma metodologia de se adequar ao sujeito e suas necessidades para conseguir um ensino de qualidade, eficaz e igualitário.

METODOLOGIA

Pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e com o que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Conforme Salomon (2004), a pesquisa bibliográfica fundamenta-se em conhecimentos proporcionados pela Biblioteconomia e Documentação, entre outras ciências e técnicas empregadas de forma metódica envolvendo a identificação, localização e obtenção da informação, fichamento e redação

do trabalho científico. Esse processo solicita uma busca planejada de informações bibliográficas para elaborar e documentar um trabalho de pesquisa científica.

Buscando então por livros e artigos científicos que abordam as temáticas da pesquisa: Alfabetização, Didática e Dificuldades de Aprendizagem, em contra partida excluímos os livros e artigos científicos que não abordam as temáticas necessárias para o bom desenvolvimento do mesmo.

A pesquisa utiliza de técnicas de análises qualitativas, analisando os conteúdos explorados, a abordagem do autor e buscando comprovar a veracidade dos fatos citados por meio de diversas pesquisas em outros artigos que apresentem tema semelhantes.

A presente pesquisa não necessitará ser submetido para aprovação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a resolução CNS 466/2012, pois se trata de uma pesquisa cujas informações serão obtidas em materiais já publicados e disponibilizados na literatura, não havendo, portanto, intervenção ou abordagem direta junto à seres humanos. Dessa forma, a pesquisa não implicará em riscos ao sujeito. A relevância da pesquisa se justifica por trazer à tona os benefícios da ação docente permeada pela criticidade como grande aliada no processo de superação de eventuais dificuldades de aprendizagem no ciclo de alfabetização, contribuindo com a reflexão sistêmica do educador leitor.

RESULTADO

A comunidade escolar necessita deixar as velhas práticas voltadas somente para os resultados quantitativos, onde o que se busca é uma nota alta e não uma aprendizagem significativas para os estudantes, assim focando apenas em crianças que não apresentem dificuldades, favorecendo ainda mais aqueles cujo resultados são considerados melhores.

Dessa forma as escolas continuam a incentivar os alunos tidos como “excelentes” e esquecer e punir os alunos “preguiçosos” porque não aprendem visto que os outros conseguem, mas neste ato começa a exclusão e a desmotivação dos estudantes que sem saber sofrem com algum tipo de DA.

Por este motivo é necessário uma didática que abra espaço para todos, porque assim abre espaço para um desenvolvimento uníssono e também facilita a observação e indicação dos pedagogos para a coordenação sobre suspeitas de crianças que podem apresentar alguma DA.

A partir disso mostra a real necessidade de uma prática respaldada na didática crítica, pois essa abre espaço para diferentes manifestações de aprendizagem. Porque como o próprio Libâneo (2003) afirma práticas pedagógicas voltadas para o tradicionalismo focam apenas em criar sujeitos para trabalhar e não para buscar e questionar.

DISCUSSÃO

As escolas com toda a sua comunidade necessitam um enfoque maior na qualidade educacional e em uma aprendizagem qualitativa, para que os estudantes busquem sempre desenvolver seu ensino não focado em apenas notas, mas se o que foi passado em sala ele realmente conseguiu aprender.

Quando uma escola foca primeiramente na qualidade e não na quantidade e de praxe que devido o bom aprendizado resulte em notas excelentes, porque houve uma aprendizagem então não importa o momento quando for necessário realizar alguma atividade avaliativa os estudantes irão conseguir ter sucesso.

Para que isso continue sempre acontecendo é preciso o abandono de uma

abordagem tradicional e a abertura do espaço para a criticidade, pois essa desenvolve atividades, e novas formas de ensinar e que condizem com a realidade dos estudantes, fazendo assim como traz Gauthier et al (1998) uma saber desenvolvido aos poucos e

com a mescla da vivências de cada participante ativo do processo de ensino aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES

Com base em tudo que foi mostrado essa pesquisa teve o intuito de esclarecer a necessidade de uma prática pedagógica respaldada pela didática crítica como método eficaz para superar barreiras referente as dificuldades de aprendizagem na alfabetização, pois no decorrer dessa pesquisa foi claramente mostrado a falta de resultados e abordagens que busquem sanar dúvidas referente a metodologias que sejam eficazes na aquisição de um conhecimento estruturado e de qualidade para estudante que apresentem dificuldades de aprendizagem ao longo da sua alfabetização. Inicialmente houve inquietações a respeito das didáticas aplicadas para ensinar os alunos que apresentassem alguma DA, pois como neste trabalho buscou mostrar a necessidade de uma abordagem critica para um bom desenvolvimento da criança em uma fase muito importante em seus anos escolares e sociais.

Fica claro a grande necessidade de uma abordagem respaldada na criticidade, para que se tenha um saber concreto e relevante para o desenvolvimento desses estudantes diante ao seu desenvolver educacional e ativo socialmente, pois no decorrer da sua vida escolar há uma grande aquisição de conhecimento em que o estudante irá dar seus primeiros passos rumo a independência, com essa pesquisa aponto a necessidade de uma didática fundamentada na criticidade e no desenvolvimento do estudante em contexto na sua inserção, para que assim estes consigam ser sujeitos proeminentes na sociedade.

Por fim reforço a necessidade de que as escolas junto com toda a

comunidade fiquem atentos em como desenvolver uma aula que se baseia em feitos concretos e que sempre busquem atividades inovadoras para estar estimulando um desenvolver e aprendizagem significativa, assim proporcionando um ensino igualitário para todos independentes das suas dificuldades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Base Nacional determina alfabetização até o segundo ano do ensino fundamental. **Portal Mec.** Ministério da Educação 2018. Disponível: <<http://portal.mec.gov.br/ultimasnoticias/211218175739/47191-base-nacional-determina-que-criancas-sejam-alfabetizadas-ate-osegundo-ano-do-fundamental>>. Acesso: 08 nov. 2020.

FARIA, Lenilda Rego Albuquerque de. **A validade científica da didática crítica.** –GEPEFE/FEUSP e UFAC Agência Financiadora: CAPES, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25 ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

GOMES, M.F.C; SENA, M. G. C. **Dificuldade de Aprendizagem na alfabetização.** Autêntica, 2000.

GAUTHIER, Clermont et al. Por uma teoria da Pedagogia. Ijuí: Unijuí, 1998.

LIBÂNIO, José Carlos. **Tendências pedagógicas na prática escolar.** 2003.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática.** 2 ed. São Paulo: Cortez 2013.

LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. **Alfabetização- uma perspectiva humanista e progressista.** Belo Horizonte- Autêntica, 2005.

MARIN, A. J; PIMENTA, S. G. **Didática. Teoria e pesquisa.** Junqueira e Marin, 2015.

ROTTA, Newra Tellechea e col. **TRANSTORNOS da APRENDIZAGEM ABORDAGEM NEUROBIOLÓGICA E MULTIDISCIPLINAR.** Artmed, 2016.

SMITH, C. STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

VEIGA, Ilma. P. A. **Didática: uma retrospectiva histórica.** (Coord.) Repensando a Didática. Campinas, SP: Papirus, 2004.